

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS SEDE EM CAMOBI
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GABRIEL VERAS REIS

**CARTOGRAFANDO O ESPECTRO DO AUTISMO: NOTAS DE
OBSERVAÇÃO DE UM MONITOR E CIENTISTA SOCIAL**

Santa Maria, RS
2023

CARTOGRAFANDO O ESPECTRO DO AUTISMO: NOTAS DE OBSERVAÇÃO DE UM MONITOR E CIENTISTA SOCIAL

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS)–Campus Sede, como requisito parcial para obtenção do título de **Cientista Social**.

Orientadora: Prof. Dr. Mari Cleise Sandalowski

Gabriel Veras Reis

**CARTOGRAFANDO O ESPECTRO DO AUTISMO: NOTAS
DE OBSERVAÇÃO DE UM MONITOR E CIENTISTA
SOCIAL**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Ciências
Sociais, da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM,RS)–
Campus Sede, como requisito
parcial para obtenção do título de
Cientista Social.

Aprovado em _____ de _____ de 2023:

**Membro 1 da banca de avaliação do trabalho
(UFSM)**

Mari Cleise Sandalowski

Membro 2 da banca de avaliação do trabalho (UFSM)

Laura Senna Ferreira

Membro 3 da banca de avaliação do trabalho (UFSM)

Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira
Mourad

Santa Maria – RS
2023

AGRADECIMENTOS

Com muito amor e gratidão, eu, Gabriel, quero expressar meu sincero agradecimento a todas as pessoas que me acompanharam nessa jornada de monitoria de crianças espectro espectro autistas e formação em Ciências Sociais. A minha família, por todo o apoio e paciência, por me encorajar na profissão de professor e por nunca me deixar desistir, mesmo em dias de chuva me dando carona. À minha eterna professora e amiga Leonice, por toda a paciência e sabedoria em me orientar, à minha professora orientadora e à professora da banca, que tanto admiro e respeito.

Aos meus queridos estudantes, cada um deles é um presente que recebi em minha vida, por me fazer apaixonar ainda mais pela minha profissão, pelos carinhos, aprendizados e pela amizade e cumplicidade que construímos juntos. Aos colegas professores, coordenadores e monitores, que estiveram presentes nesse ciclo de quatro anos, meu sincero agradecimento.

E não poderia deixar de agradecer a minha namorada, que me auxiliou com tanto amor, carinho e paciência em um momento tão decisivo quanto o TCC. Aos pesquisadores e às crianças com Espectro do autismo, muito obrigado por me ensinarem a viver perante a tanta vida e tanta diversidade! Como sou feliz com a profissão que escolhi!

*“Eu sou singular, eu sou novo.
Eu gostaria de saber se você é também.
Eu ouço vozes no ar.
Eu vejo que você não, e isso não parece justo.
Eu gostaria de não me sentir triste.
Eu sou singular, eu sou novo.
Eu finjo que você também é.
Eu me sinto como um menino no espaço sideral.
Eu toco as estrelas e me sinto fora de lugar.
Eu me preocupo com o que os outros podem pensar.
Eu choro quando as pessoas riem, isso me faz encolher.
Eu sou singular, eu sou novo.
Eu entendo agora que você também é.
Eu digo ‘Eu me sinto como um rejeitado’.
Eu sonho com o dia em que isso será ok.
Eu tento me encaixar.
Eu espero conseguir um dia.
Eu sou singular, eu sou novo.”* (Benjamin Giroux, 10 anos, criança com espectro do autismo).

CARTOGRAFANDO O ESPECTRO DO AUTISMO: NOTAS DE OBSERVAÇÃO DE UM MONITOR E CIENTISTA SOCIAL

AUTOR: Gabriel Veras Reis
ORIENTADOR: Mari Cleise Sandalowski

RESUMO

Este estudo investiga a socialização de crianças espectro autistas na Educação Básica, sob a perspectiva da Sociologia da Educação e do Devir-Criança-Espectro autista. O transtorno do espectro autista (TEA) é uma disfunção do neurodesenvolvimento que causa sintomas comportamentais, déficits na comunicação e interação social, comportamentos repetitivos e estereotipados e interesses restritos. A socialização dentro de um ambiente escolar é uma das principais dificuldades relacionadas ao espectro autista. A pesquisa tem como objetivo analisar as motivações e ações dos profissionais da educação para incluir crianças espectro autistas no ambiente escolar e compreender as estratégias utilizadas pelos professores para atender essas crianças em seus processos de inclusão. Duas escolas, uma pública e outra particular, constituíram o universo de pesquisa deste estudo para descrever as diferenças na socialização de crianças espectro autistas. A pesquisa busca ampliar a compreensão da importância da socialização de estudantes com espectro do autismo, tanto para a academia quanto para as escolas.

Palavras-chave: Espectro do autismo. Socialização. Educação Básica.

MAPPING AUTISM: A MONITOR'S AND SOCIAL SCIENTIST'S PERSPECTIVE

AUTHOR: Gabriel Veras Reis
ADVISOR: Mari Cleise Sandalowski

ABSTRACT

This study examines the inclusion of autistic children in Basic Education, from the perspective of Sociology of Education and the Becoming-Autistic-Child. Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that causes behavioral symptoms, communication and social interaction deficits, repetitive and stereotyped behaviors, and restricted interests. Socialization within a school environment is one of the main difficulties related to the autism spectrum. The research aims to analyze the motivations and actions of education professionals to include autistic children in the school environment and understand the strategies used by teachers to meet these children's inclusion processes. Two schools, one public and one private, were interviewed to observe differences in socialization of autistic children. The research aims to expand the understanding of the importance of socialization for students with autism, both for academia and schools.

Keywords: Autism. Socialization. Basic Education.

SUMÁRIO

BOM DIA BICHINHO! VAMOS COMEÇAR COM AS RODADAS?!	9
01 PRIMEIRA RODADA: DO QUE VAMOS BRINCAR HOJE?	12
02 SEGUNDA RODADA: OLHA! EU FIZ UM NOVO AMIGO	16
2.1 Sociologia da Educação	16
2.3 Devir- Criança - Espectro autista	18
03 TERCEIRA RODADA: VAI FICAR OLHANDO A GENTE BRINCAR OU VAI BRINCAR JUNTO?	21
3.1 Bem-vindo ao meu planeta, a sétima temporada já vai começar!	22
3.2 Rodada número 1: PRACINHA!!!!	23
3.3 EU ESTOU FICANDO MUITO BRAVO!!!!	24
3.4 DEIXA EU BRINCAR COM VOCÊS?	26
04 QUARTA RODADA: POSSO BRINCAR DE TE ENTREVISTAR?	27
4.1 BICHINHO DEIXA EU TE MOSTRAR O QUE APRENDI HOJE?	28
05 QUINTA RODADA: OLHA EU TE TROUXE UM PRESENTE!	33
06 ÚLTIMA RODADA! É HORA DE IR PARA A CASA!	36
REFERENCIAS	38

INTRODUÇÃO

“BOM DIA BICHINHO”! VAMOS COMEÇAR COM AS RODADAS¹!?

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema "Crianças espectro autistas em processos de inclusão, a partir da Sociologia da Educação e do Devir- Criança-Espectro autista", o qual me reverberou alguns questionamentos norteadores, tais como: como se dá a socialização de crianças espectro autistas no ambiente escolar? Quais estratégias os professores utilizam para promover a inclusão? A partir dessas perguntas, surgiu a pesquisa na área da Sociologia da Educação, que busca entender como esse estudo sociológico contribui para a convivência das crianças em processos de inclusão e como é possível disponibilizar esse conhecimento para as escolas.

Entre as questões levantadas, destaca-se a abordagem metodológica de Deleuze (1997) sobre o Devir-Criança-Espectro autista, que permite às investigações trabalhar esse Devir com crianças espectro autistas. Surgiu então a questão de como levar esse conhecimento sobre essa prática aos professores de Educação Básica e se eles estariam interessados em se cercar de novas metodologias para promover a inclusão de crianças espectro autistas no ambiente escolar.

A pesquisa objetiva descrever como se dá o processo de inclusão de crianças espectro autistas na Educação Básica a partir das motivações e ações dos profissionais da Educação para que a inclusão ocorra no ambiente escolar. Para tanto, a pesquisa tem objetivos específicos, como: descrever as estratégias utilizadas pelos professores e educadores especiais para a socialização dos estudantes em processos de inclusão e construir um inventário de metodologias dessa socialização a partir das observações e do estudo sobre a Sociologia da Educação e do Devir-criança-espectro autista. A pesquisa também discute a dimensão das modificações e das co-construções ao longo do tempo, as estratégias, regras, ações, atitudes (práticas e teóricas) das escolas sobre a convivência dessas crianças.

A escola é um espaço de desenvolvimento para a criança, que podem experimentar o mundo de maneiras distintas e estabelecer relações que permitem um aprendizado dentro e fora do espaço formal da sala de aula. Entretanto, pouco se tem falado da

¹ Os títulos dos capítulos representam as falas de uma criança de 06 anos com espectro do autismo, que auxilio desde 2019 como monitor em uma escola da rede básica de ensino. Neste sentido, o termo “bichinho” significa...

Sociologia da Educação e do conceito de Devir-criança-espectro autista, que as crianças em processos de inclusão experimentam ao se socializar. Como estes conceitos são capazes ou não de ressignificar e resgatar a autoconfiança, a identidade e a autoestima das crianças com espectro do autismo, além de impactar na formação dos sujeitos, das crianças que são vistas pela escola como "normais"², mediante a todas as ressignificações sociais.

A partir de minhas experiências como monitor de três crianças diagnosticadas com espectro do autismo, com idade entre 05 e 09 anos, desde o ano de 2019 em uma Escola de Rede Privada de Santa Maria-RS e meu Estágio Supervisionado neste ano de 2023 em uma Escola de Rede Pública de Santa Maria-RS, considero o ambiente escolar um campo experimental potente para discussões sobre a inclusão e socialização de crianças espectro autistas e para a união das áreas de Sociologia e Educação, assim como a formação de professores destas áreas contempladas.

Neste sentido, a metodologia consistiu em entrevistas com professores, coordenadores e educadores especiais de uma escola particular e uma escola pública, sobre questões de socialização de crianças espectro autistas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa GIL (2002), a fim de apresentar as metodologias de pesquisa como entrevista, cartografia e diário de campo.

Com base nas abordagens e discussões mencionadas anteriormente, o arcabouço teórico da socialização de crianças espectro autistas partiu dos autores Freire (2016) que defende a Educação deve ser um processo de libertação, em que as crianças são encorajadas a serem ativas em seu próprio processo de aprendizagem. Para crianças espectro autistas, isso pode significar criar ambientes de aprendizagem personalizados que atendam às suas necessidades específicas, ao mesmo tempo em que as ajudam a desenvolver habilidades sociais e emocionais.;

O sociólogo Émile Durkheim (1978), o qual, argumenta que a Educação deve ter como objetivo a formação do caráter moral das crianças, o que envolve transmitir valores sociais e culturais. Para crianças espectro autistas, isso pode significar ajudá-las a entender as normas e regras sociais, bem como a importância de se relacionar com os outros. A autora Hannah Arendt (2007), que destaca a importância da participação ativa na vida social e política. Para professores de crianças espectro autistas, isso pode significar criar oportunidades para elas se envolverem em atividades sociais e

² Normal – Termo utilizado por alguns professores ao se referirem a um estudante que não possui nenhuma especificidade ou dificuldade de aprendizagem.

comunitárias, assim como formação continuada como será discutido ao longo do trabalho.

E Mollo-Bouvier (2005) que em seus textos faz uma abordagem pragmática, argumentando que a socialização de crianças espectro autistas deve ser vista como um processo pragmático, que envolve a aprendizagem de habilidades sociais específicas, como entender as emoções dos outros e se comunicar efetivamente. Para isso, é importante criar ambientes de aprendizagem que sejam estruturados, claros e previsíveis.

Neste sentido, o trabalho está organizado em cinco capítulos: o primeiro capítulo tem como objetivo definir o espectro do autismo e apresentar as ideias de Temple Grandin (2005), bem como levantar questionamentos sobre a presença e aceitação dessas crianças nas escolas. O segundo capítulo é dedicado à Sociologia da Educação e ao Devir - criança - espectro autista, destacando como esses temas são importantes para a formação de professores.

Na terceira etapa, o foco é nas crianças cartografadas (DELEUZE, 1995) por mim e em suas interações sociais com professores e colegas, proporcionando uma visão detalhada da socialização dessas crianças. A quarta parte é dedicada à discussão dos resultados obtidos nas entrevistas com profissionais de Educação. O quinto capítulo apresenta uma lista de possibilidades metodológicas para promover a socialização de estudantes espectro autistas no ambiente escolar, com sugestões práticas para os professores.

Por fim, a conclusão apresenta uma síntese dos resultados e sugere caminhos para pesquisas futuras como uma contribuição importante para a Sociologia da Educação e para a promoção da inclusão de crianças espectro autistas no ambiente escolar, além do combate ao capacitismo³.

Em primeiro lugar, quero transportá-los para um lugar mágico, repleto de cores vivas, sonhos, risos e esperanças. Um espaço onde rotinas, manias e afetos se encontram. É nesse universo especial que me encontrei envolvido, rodeado por indivíduos que me levaram para outra dimensão, onde me vi brincando e lutando para que as atividades fossem realizadas. Entre essas crianças, algumas me envolveram em seus abraços calorosos, enquanto outras me cumprimentaram com um simples aperto de mão. Apresento-lhes esse mundo único, que me encantou e intrigou tanto que me levou a seguir minha jornada como cientista social.

Bem-vindos ao universo apaixonante e desafiador do Espectro do autismo!

³ Desigualdade, decorrente da condição diferenciada no caso em tela – espectro autista.

01 PRIMEIRA RODADA: DO QUE VAMOS BRINCAR HOJE?

“Vamos escolher juntos!”

Compartilho com vocês a minha jornada de descobertas acerca do Espectro do autismo, não com o intuito de apresentar um compilado de termos científicos e diagnósticos, mas sim com o objetivo de explorar a subjetividade desse universo que me atravessou e me transformou. Trata-se de um olhar singular, uma particularidade que permite enxergar o mundo de forma diferente. Foi em 2019, quando tive a oportunidade de trabalhar em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, que me deparei com essa nova perspectiva e comecei a questionar minha escolha profissional em Ciências Sociais. A Sociologia da Educação despertou meu interesse, mas o que realmente me encantou foi o Espectro do autismo.

Desde a infância, sempre fui visto pelos professores como um estudante com algum tipo de distúrbio e sofri *bullying* na escola, o que me levou a questionar minha capacidade de socialização e confiança nas pessoas. Essas experiências me motivaram a estudar e compreender a socialização de crianças espectro autistas, com a promessa de que, se um dia me tornasse professor, não permitiria que meus estudantes passassem pelo mesmo tipo de trauma.

Embora tenha enfrentado dificuldades de aprendizagem e concentração, encontrei na sociologia e na pesquisa sobre o espectro do autismo um propósito que me impulsionou a seguir em frente. Com isso, passei a compreender melhor as crianças espectro autistas com as quais me deparei em minha jornada como futuro professor e sociólogo, e a me interessar cada vez mais sobre o que elas têm a dizer acerca dessa particularidade que as torna únicas.

O Espectro do autismo trata-se de uma forma única de existir, sentir e pensar. De acordo com o DSM-5, o Transtorno do Espectro autista (TEA) é caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades.

Contudo, é importante ressaltar que não é considerado uma deficiência, mas sim uma diversidade, uma forma distinta de experimentar o mundo. Como menciona a neurocientista Temple Grandin (2015) os espectro autistas pensam de forma visual, em imagens, e essa peculiaridade pode ser um diferencial na hora de resolver problemas complexos ou de criar algo novo.

Grandin (2015), diagnosticada com espectro do autismo, ajuda-nos a refletir sobre

o progresso da pesquisa sobre pessoas com Espectro do autismo desde a década de 70. Sua particularidade foi descoberta aos quatro anos de idade e relatou que quase ninguém sabia do que se tratava. Ela iniciou comportamentos destrutivos, não verbalizava, trazia sensibilidade ao toque físico e tinha fixação em objetos giratórios, características que levaram a criança a consultar um neurologista, que na época denominou como “danos cerebrais”. Com o tempo, Grandin passou a ser acompanhada por uma fonoaudióloga, o que a ajudou a se comunicar verbalmente.

Em seus textos a autora explica que o Espectro do autismo é diagnosticado por meio de observações e avaliações comportamentais, mas essas observações e julgamentos são subjetivos, e o comportamento varia de pessoa para pessoa. Segundo Suplino (2009), o Transtorno do Espectro é considerado um problema neurobiológico, e não uma doença. Geralmente se manifesta antes dos dois anos de idade, e as crianças são aparentemente indiferentes ou mesmo relutantes a demonstrações de afeto e contato físico, embora laços mais estreitos com os pais ou certos adultos às vezes se desenvolvam mais tarde.

Além disso, com base em minhas vivências, notei que as crianças espectro autistas têm dificuldade em se comunicar adequadamente e não se interessam por coisas que outras crianças recomendam. Por exemplo, enquanto os outros estudantes brincam com blocos de construção e planejam construir um prédio, as crianças espectro autistas usam as peças para alinhar ou empilhar. Além disso, alguns têm dificuldade em iniciar ou responder a interações sociais e podem demonstrar pouco interesse no que os outros dizem ou sentem.

Apresentam também características estereotipadas e padrões repetitivos. Em relação ao ambiente escolar essas características precisam ser discutidas sob um viés de inclusão e não de integração. De acordo com Mantoan (2006), há uma prévia seleção dos estudantes com deficiência que são inseridos nas turmas de ensino regular durante a integração escolar. Para aqueles que não se enquadram nesse critério, é recomendada a individualização dos programas escolares, currículos adaptados, avaliações especiais e redução dos objetivos educacionais para compensar suas dificuldades de aprendizagem.

Em outras palavras, a escola não passa por uma mudança geral, mas sim os estudantes precisam se adaptar às exigências do sistema. Além disso, Mantoan (2006) ressalta que a inclusão escolar é mais abrangente do que a integração, pois todos os estudantes, sem exceção, devem frequentar uma sala de aula do ensino regular e os estudantes com especificidades devem ser tratados da mesma forma que os demais:

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma a instruir os estudantes. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN, 2006, p.12).

Do ponto de vista sociológico, é possível descrever que dentro da sala de aula existem diversos grupos sociais que apresentam diferenças entre si. Entretanto, essa diversidade não necessariamente se traduz em um aumento do conhecimento, uma vez que o aprendizado do estudante está diretamente relacionado às suas próprias experiências vivenciadas.

De acordo com o MEC (BRASIL, 2008), o movimento mundial pela educação inclusiva é uma iniciativa política, cultural, social e pedagógica que busca garantir o direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem qualquer tipo de discriminação. Essa abordagem educacional está baseada na concepção dos direitos humanos e valoriza tanto a igualdade quanto a diferença como valores complementares e inseparáveis. Além disso, a educação inclusiva vai além da ideia de equidade formal, ao considerar as circunstâncias históricas que levaram à exclusão dentro e fora da escola.

Como podemos citar a tentativa inicial de padronizar os diagnósticos psiquiátricos, na qual a Associação Americana de Psiquiatria (APA) publicou a primeira edição do DSM em 1952, onde as palavras "espectro do autismo" e "espectro autista" mal foram utilizadas. Quando mencionadas, eram geralmente relacionadas à esquizofrenia. Na segunda edição do DSM, publicada em 1968, o Espectro do autismo ainda não era mencionado e o manual mantinha as mesmas características da edição anterior.

Já em 1987, ocorreu uma revisão do DSM, intitulada DSM-III-R, que alterou o nome do diagnóstico de espectro do autismo infantil para Transtorno Espectro autista e ampliou os critérios de diagnóstico de seis para dezesseis sintomas. O DSM-V, lançado em 2013, traz a mais recente classificação do espectro do autismo como um Transtorno do Neurodesenvolvimento, sendo denominado como Transtornos do Espectro do Espectro do autismo (TEA). Nessa nova definição, o TEA é caracterizado como um distúrbio neurológico que deve ser identificado na infância, e que inclui déficits nas dimensões sociocomunicativa e comportamental.

Esta linha cronológica apresentada sobre o diagnóstico nesta pesquisa é fundamental, visto que a Sociologia da Educação estuda as relações entre a escola e a

sociedade, e como as políticas educacionais e as práticas pedagógicas contribuem para a inclusão ou exclusão de determinados grupos sociais.

Porém, para lidar com a especificidade das crianças espectro autistas, é preciso ir além da viagem temporal, é necessário um repertório de metodologias potentes para a Educação que busque promover a socialização do Espectro do autismo em espaços escolares. Isso é o que vamos discutir no próximo capítulo, onde irei conceituar a Sociologia da Educação e do Devir-criança-espectro autista. Essas discussões têm como objetivo ampliar o arcabouço teórico e prático para uma socialização e inclusão efetiva de crianças espectro autistas em todos os espaços escolares.

02 SEGUNDA RODADA: OLHA! EU FIZ UM NOVO AMIGO⁴

“Que bom! Fico feliz!”

Este é um diálogo fundamental para iniciar as discussões sobre a Sociologia da Educação.

2.1 Sociologia da Educação

Nesta etapa da discussão trago o enfoque na socialização de crianças espectro autistas no ambiente escolar. A pesquisa parte da premissa do compromisso inegociável de renovação do mundo a partir do valor inalienável de cada indivíduo. Hanna Arendt (2005) destaca a importância de considerar a diversidade não apenas no discurso político e científico, mas também no equilíbrio entre os direitos das crianças espectro autistas e a dignidade de todas as pessoas que compõem a pluralidade do mundo.

Embora não tratem especificamente do espectro do autismo, as obras da autora são essenciais para a discussão atual, já que abordam os desafios e oportunidades enfrentados pelas pessoas espectro autistas nos espaços educacionais, ressaltando a crescente e aparentemente irreversível desigualdade social e questionando a perspectiva de uma visão geral e abstrata.

Arendt (1993) nos convida a refletir sobre a dignidade que pode ser encontrada em cada novo começo, bem como sobre a grandiosidade da esfera pública, onde o cuidado com a vida deve ser assumido para a construção de um mundo mais ético e solidário. Nesse mundo, onde a pluralidade é valorizada, a singularidade é reconhecida em sua dignidade, humanidade e realização da liberdade:

[...] se o sentido da política é a liberdade, então isso significa que nós, nesse espaço, e em nenhum outro, temos de fato o direito de ter a expectativa de milagres. Não porque acreditemos (religiosamente) em milagres, mas porque os [...] [seres humanos]⁷, enquanto puderem agir, são aptos a realizar o improvável e o imprevisível, e realizam-no continuamente, quer saibam disso, quer não. (Arendt, 1993, p. 122).

O compromisso inadiável com a renovação de um mundo que valorize cada pessoa em sua irreduzível singularidade exige que abordemos a diversidade de forma diferente. Em vez de um discurso político ou científico que a examine, é necessário reconhecer a

⁴ As rodadas foram estratégias que organizei para trabalhar a rotina com a estudante I, de modo lúdico e divertido, como se estivéssemos em um jogo.

diversidade com humildade, sem alimentar dicotomias entre "nós" e "eles". É nesses termos que os direitos das pessoas espectro autistas devem ser considerados, equilibrando-os com os direitos e a dignidade de todas as pessoas que compõem um mundo diverso.

Da mesma forma, Paulo Freire (1996) desmistifica a ideia de que um ser humano possa ser autossuficiente, destacando que o contato com outras pessoas e os desafios do mundo são fundamentais para a afirmação do indivíduo, que é capaz de mudar a si mesmo e a realidade.

Segundo Freire (2015), as crianças espectro autistas que vivem em um ambiente plural podem enfrentar os desafios de forma singular e cumprir sua vocação natural de integração, adaptação ou superação da adaptação. Compreender o espectro do autismo como condição humana implica em reconhecer que, ao compreendermos suas formas de expressão, comunicação e socialização, as pessoas com espectro do autismo podem perceber suas potencialidades, “[...] não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados” (FREIRE, 2015, p. 20).

A escola é um espaço público e político que deve estar comprometido com a superação das formas de opressão e com a prática educativa como exercício constante de autonomia tanto para educadores quanto para educandos, como argumentado por Freire (2015). Esse esforço deve ser ainda maior para aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade enquanto estão em processo de escolarização. Para tanto, é necessário afastar-se tanto do assistencialismo que impede a percepção de realidades opressoras quanto do ativismo sem sentido. Ensinar e aprender devem estar alinhados com o compromisso responsável com a existência do outro e com suas visões de mundo.

Na visão de Durkheim (1978) a criança é um ser social e a escola desempenha um papel fundamental na sua socialização; é relevante entendermos que aprender com o mundo social é positivo, devemos [...] suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM, 1978, p. 41).

Como cientista social, é importante compreender que Durkheim (1978) destaca a importância do coletivo, com os fatos sociais sendo impostos aos indivíduos. Nesse sentido, a organização é fundamental para gerar bem-estar na coletividade. É preciso pensar de forma peculiar sobre como a sociedade escolar de ensino regular pode lidar

com a presença de um indivíduo espectro autista, que adentra esse espaço de forma diferente devido às suas características. Segundo o autor, sempre que alguém quebra as regras impostas pela vida em sociedade, pode sofrer sanções, entrando aí a questão da ação socializadora.

De acordo com Mollo-Bouvier (2005), o processo de socialização deve ser compreendido sob uma perspectiva interacionista que valoriza o papel das interações na aquisição do conhecimento prático, que é adquirido por meio da experiência vivenciada. Além disso, a socialização é vista como uma oportunidade de autoconhecimento e de conhecimento do outro, ou seja, um processo de construção tanto de si mesmo quanto do outro.

A partir de minhas vivências e ao notar meus estudantes “fazendo novos amigos” pude constatar que a organização da escola é um importante elo na criação do bem-estar da comunidade, e é a partir da luta social que surge o conceito de Devir-Criança-Espectro autista, que apoia a reflexão sobre a socialização das crianças espectro autistas, no estímulo aos professores que sejam convidados a entrarem neste imaginário infantil e que possam brincar junto com as crianças de todas as especificidades.

2.3 Devir- Criança - Espectro autista

Deleuze e Guattari (1997) trazem a ideia de que se tornar criança é uma forma de permanecer no estado de criação, de desvio e de abertura para a invenção da cognição, o que pode ser aplicado ao tema da pesquisa sobre o espectro do autismo. O Espectro do autismo é compreendido como uma regressão crônica a estados anteriores do psiquismo da criança, onde o devir da criança espectro autista é caracterizado por uma permanente vivência de sensações e estados primitivos, relacionados à primeira infância e aos primeiros cuidados maternos. Esse devir-criança cria movimentos de resistência e defesa contra o mundo adulto, permitindo que a criança explore e experimente com o mundo, as pessoas, as coisas e os lugares.

Trabalhar com crianças envolve um processo constante de transformação e vivência da diversidade e da alteridade, em que cada momento é único e desafiador. No entanto, ao lidar com espectro autistas as experiências são ainda mais profundas e revolucionárias. Como monitor, sinto que minha tarefa diária é escrever e reescrever meu conhecimento, ultrapassando meus próprios limites e desconstruindo preconceitos. Aprendo de maneira gradual, fragmentada e conectada, movimentando um campo

problemático que me faz crescer como indivíduo e profissional, a partir da interação com o outro.

Segundo Deleuze (1997), uma criança molecular é aquela que se produz a partir de seu meio, não do que é, mas do que pode se tornar quando se abre para diferentes informações sensoriais. Em movimentos inventivos, a criança é guiada por um olhar curioso e aventureiro, sem esperar por suposições ou regras. Esses movimentos são uma molecularização do estudo da percepção e da motricidade fina, onde o contato extraordinário é uma conexão imediata que não ocorre pela apresentação de objetos ou formas convencionais de conhecer e agir. Portanto, é inútil gritar para uma criança com espectro do autismo para não tocar em objetos, pois a necessidade de tocar é uma abertura até o nascimento do novo, onde a invenção pode acontecer.

Ceccim e Palombini (2009) explicam que a sensibilidade artística ao viver esse devir-criança no adulto, neste caso, no professor, é como a sensibilidade infantil, pura abertura. O imaginário-criança é o das afecções sensíveis, dos acoplamentos cognitivos, da invenção de linguagens para descobertas vividas. Nesse imaginário, o professor pode revisitar, recriar ou inventar essa infância adormecida para entender o que se passa tanto no cérebro como nas vivências e cotidianos de crianças espectro autistas. É preciso um devir empático, um "se colocar no lugar de", para promover a socialização com crianças e adultos, onde haja respeito, entendimento e aceitação sobre as diferenças.

O que significa ser uma criança em devir é dar vida aos espaços, criando um novo ambiente de encontro e possibilidade. É uma logística que vira a ordem de cabeça para baixo, onde o corpo não é trazido para um referencial criativo, mas é ele próprio, com seus impulsos e pulsões, que se torna o ato criativo. Tudo se torna uma brincadeira, um jogo onde o corpo é o principal protagonista.

De acordo com a perspectiva da criança espectro autista, a brincadeira proporciona uma maneira de se comunicar consigo mesmo e com os outros, permitindo que experiências únicas de desintegração e integração ocorram. Isso cria uma nova forma de vida centrada no brincar, que se desenvolve dentro de um *continuum* espaço-temporal. É importante ressaltar que, como o brincar é uma atividade sutil que existe entre o subjetivo e o objetivo, sua fragilidade deve ser levada em consideração. O professor compreenderá que seu trabalho envolve sustentar o brincar do estudante, que é construído de forma transferencial em um espaço e tempo específicos:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só

descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2003, p. 31)

Na minha perspectiva como monitor de crianças espectro autistas, o ato de brincar é uma oportunidade para explorar o devir, experimentando novas sensações e sentimentos que nos tiram da nossa zona de conforto. É como se estivéssemos despertando nossos músculos reprimidos e robotizados, permitindo que nossa criatividade flua livremente. Apesar de algumas pessoas sentirem apreensão e resistência em relação à ideia de brincar e experimentar, eu acredito que isso é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Busco constantemente estratégias lúdicas e criativas para que eu possa me tornar uma criança junto com meus estudantes, em um processo que lembra o conceito de Devir-criança de Deleuze e Guattari (1997):

Um devir-criança: um corpo que não imita ou quer se tornar uma criança, mas um corpo que, despreendido das suas unidades já conhecidas, experimenta as potências do infantil. Toda expansão de desejo expõe matérias não formadas, tensores, desafia mundos possíveis e mundos reais, produz bifurcações e lança os corpos em devires e experimentações, em uma gradação indiscriminada de intensidades, velocidades e lentidões. Devir-criança é um movimento contemporâneo, criação cosmológica, invenção de mundo: um mundo que explode e a explosão de um mundo novo. (KOHAN; FERNANDES, 2018, p. 08)

A partir da teoria do Devir-Criança de Deleuze e Guattari (1997), o professor deve se tornar uma criança sem limites para incluir uma outra forma de ensinar e aprender brincando, criando uma vivência do nascimento de um "Recreio". Esse processo envolve uma constelação afetiva, em que o mapa das forças ou intensidades não é uma derivação do corpo, mas sim a distribuição dos afetos que constituem a imagem do corpo.

A relação professor-criança, trata-se de um mapa e forças e intensidades, uma distribuição de afetos que pode ser constantemente transformada em função das constelações afetivas presentes. A valorização do devir e do brincar na educação pode trazer benefícios tanto para os estudantes quanto para os próprios professores. Nesse sentido no capítulo a seguir apresento um relato de experiência e cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1997) das crianças espectro autistas, sob minha visão como monitor e cientista social.

03 TERCEIRA RODADA: VAI FICAR OLHANDO A GENTE BRINCAR OU VAI BRINCAR JUNTO?

“Óbvio que vou brincar junto!”

Este diálogo inicial representa ao meu ver, do que se trata a cartografia de Deleuze e Guattari (1997). Esta abordagem buscou traçar territórios existenciais com foco no processo, não apenas no resultado. Nesse sentido, essa ferramenta de pesquisa foi ideal para a observação no espaço escolar, por se tratar de um espaço experimental e processual sem um objetivo ou um resultado alcançável, mas, apenas a experiência em si.

O objetivo não foi o de fazer uma demarcação objetiva, mas considerar a possibilidade de geração de subjetividade que surgiu a partir do mapeamento desses espaços. Em outras palavras, foi mais um trabalho de pesquisa do que um “um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas.” (KASTRUP, 2007, p. 15). No caso da escola, por exemplo, estive nestes espaços cartografando de maneira a estar aberto ao que o momento tinha a oferecer e permitindo que a atenção perpassasse pelas crianças, suas socializações e as estratégias dos professores para promovê-las.

A autora Kastrup (2007) apresentou quatro abordagens para a atenção presente no cartógrafo, foram elas, o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

O rastreio: foi um gesto de varredura do campo, ou seja, notei as metamorfoses do espaço, do ritmo, da aceleração, da velocidade, das posições, sem necessariamente ir em busca de uma informação ou um objetivo em si, mas como uma atenção aberta ao que surgia no território. Como uma “antena parabólica” minha atenção caminhava receptiva até ser tocada por algo (KASTRUP, 2007). Neste rastreio, a atenção esteve disponível e permiti me afetar ao que surgia no momento presente.

O toque: ocorreu como um pequeno vestígio, um fenômeno preciso, a atenção foi tocada neste nível, havendo um acionamento no nível das sensações, e não no nível das percepções ou representações de objetos. (KASTRUP, 2007). No toque, deixei que as sensações também estivessem disponíveis para cartografar as crianças nas escolas.

O pouso: no qual a atenção realizou diversas paradas, auditivas, sonoras, visuais, como se o território diminuísse para que algo se sobressaísse.

O reconhecimento atento: no qual, adotei uma atitude de investigador ao analisar o que estava acontecendo ao meu redor, “pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2007).

*3.1 Bem-vindo ao meu planeta, a sétima temporada já vai começar!*⁵

Conheçam o gênio da rádio em formação, o estudante D (não vou dizer o nome, não quero atrapalhar a minha pesquisa secreta) já é um mestre em pontualidade e sabe exatamente quando é hora de comer e brincar. Quando toca o sinal, ele segue o fluxo e vai direto para a pracinha, onde aproveita seu balanço. Não é muito fã de interagir com as outras crianças, mas está sempre ansioso para voltar à sala de aula e se sentar na sua carteira.

Durante as nossas sessões com a Educadora Especial, as quais estive junto para auxiliar, estabelecemos alguns objetivos para ajudar o estudante a organizar melhor a mente, lidar com frustrações e mudanças na rotina, além de trabalhar a escrita no papel. E adivinhem só? Estamos vendo um grande progresso em todas essas áreas! D é super colaborativo e está sempre disposto a fazer as tarefas que lhe são propostas. Ele é dedicado, curioso e está sempre buscando construir novos conhecimentos. E, quando se trata de leitura, escrita e matemática, o garoto simplesmente nos surpreende! Ele lê textos, faz conexões e interpretações perfeitas, além de conseguir organizar as informações para expor suas ideias com muita coerência.

Em resumo, o radialista é um verdadeiro prodígio! Seu pensamento é muito rápido e organizado, o que faz com que ele escreva com muita agilidade. Mas nós também estamos trabalhando para ajudá-lo a manter o foco e a atenção em outras áreas, como a motricidade fina. E, quando se trata de brincar e criar, D é simplesmente incrível! Ele adora contar histórias imaginárias e, graças a isso, estamos construindo um universo lúdico onde ele pode se expressar livremente. É como se estivéssemos jogando juntos, em uma experiência sempre criativa e divertida. E, com isso, estamos vendo uma mudança positiva na aceitação dos colegas com o nosso radialista em formação.

Deleuze (1997) argumenta que a criança não é um ser acabado e fechado em si mesmo, mas sim um devir constante. Ela está sempre em transformação, em um processo contínuo de experimentação e criação. O brincar é uma atividade fundamental nesse processo, pois permite à criança experimentar diferentes possibilidades e formas de ser. Winnicott (2020) também destaca a importância do brincar na vida da criança, visto que a brincadeira é uma forma de expressão e comunicação com o mundo.

O caso do estudante D mostra claramente como a atividade lúdica pode ser

⁵ Este subcapítulo apresenta de modo lúdico e divertido, como o estudante D se comunica, como se viajasse para alguns planetas, como radialista e roteirista de temporadas.

benéfica para o desenvolvimento da criança. Por meio da brincadeira, D está se expressando livremente e criando um universo próprio, o que lhe permite desenvolver a imaginação, a criatividade e a habilidade de contar histórias. Além disso, a atividade lúdica também pode ajudar a criança a desenvolver habilidades sociais, como a capacidade de se relacionar com os outros e de trabalhar em equipe.

3.2 Rodada⁶ número 1: PRACINHA!!!!

Apresento aqui a Protagonista das “Rodadas”. A estudante I, é uma criança que traz em si um mundo de sensibilidade e singularidade. Com seu Espectro do autismo, ela traz consigo uma visão única do mundo e necessita de estratégias para se manter presente em sala de aula. Foi então que surgiu a ideia de transformar seus momentos em uma tarde de aula em “rodadas”. E assim, aos poucos, I foi se adaptando e desbravando novos caminhos.

Ao entrar na sala de aula, a criança transborda alegria e energia, saudando seus colegas e professora com um sorriso no rosto. Ali dentro, ela mistura suas brincadeiras com as atividades propostas pela professora e seus desenhos, uma prática que vem rendendo ótimos resultados. Suas pinturas são um meio de se expressar e comunicar com o mundo, trazendo para o papel os momentos que a marcaram e as emoções que carrega consigo.

Apesar das dificuldades que enfrenta, I tem uma relação saudável e afetuosa com seus colegas, interagindo com eles nas brincadeiras do intervalo. Mas é na pracinha que ela se solta e se diverte sem amarras, transitando pelos brinquedos e aproveitando cada momento. O balanço, o escorregador, o esconde-esconde com os amigos: tudo isso é motivo de riso e alegria para ela.

Chega então o momento de voltar para a sala de aula, e é aí que começa o desafio. A aluna reluta em deixar a pracinha para trás e retornar para o ambiente mais restrito da sala de aula. É aí que nos perguntamos: vale a pena levá-la para dentro de quatro paredes para realizar seus desenhos ou é melhor deixá-la seguir brincando e se desenvolvendo em seu próprio ritmo? Afinal, a brincadeira é a linguagem natural das crianças e é através dela que elas exploram o mundo ao seu redor.

Ao chegar aos atendimentos com a Educadora Especial, a estudante se deparou

⁶ Como dito anteriormente “as rodas” se referem a estratégias lúdicas utilizadas com a estudante I para que realizasse a rotina, utilizei a palavra “pracinha” pois é ambiente preferido onde a aluna se refugia.

com dificuldades em se comunicar e prestar atenção nas atividades propostas. No entanto, percebemos que ela tinha grande interesse por ritmos, músicas e pinturas. Foi então que decidimos trabalhar atividades que se baseassem em seus gostos para motivá-la e mantê-la interessada.

Ainda que a estudante apresentasse dificuldades com brincadeiras que causassem sujeira e manchas, exploramos atividades que envolviam pinturas, desenhos, bolhas de sabão e tinta, a fim de proporcionar experiências prazerosas sem causar desconforto. Observando sua dificuldade de concentração, optamos por utilizar músicas para estimular seu foco e concentração nas atividades.

Durante o processo, notou-se a autonomia e o protagonismo da criança, que escolhia as cores e as músicas de sua preferência. Essa percepção nos fez refletir que a criança não é um projeto de um adulto, mas sim um ser completo, capaz e versátil.

Com a estudante, aprendemos na prática que a criança é o sujeito e ator do processo espaço-tempo/crescimento pessoal e social-ativo, pesquisador e é capaz de dar sentido e criar relações com relativa independência. Em alguns momentos, precisam da ajuda de pessoas mais experientes para auxiliar na resolução de situações individuais e sociais do mundo adulto, mas as crianças são competentes em assuntos que lhes dizem respeito e, assim, são sujeitos ativos que participam e intervêm no que acontece ao seu redor.

Ao longo dos atendimentos, a estudante passou a cantar as músicas, mostrando-se mais calma e atenta às atividades. Sua criatividade se mostrava em cada desenho, inspirada pela melodia. Após o processo, ela demonstrou melhoras na sua comunicação com a professora e com os colegas. Em um dos dias, quando fomos buscá-la na sala, cartografamos o momento em que a mesma estava ouvindo música e realizando sua atividade com calma.

3.3 EU ESTOU FICANDO MUITO BRAVO!!!!

O título faz jus ao estudante Y, extremamente agressivo e enfrentando muitos desafios. Desde que começou na escola ele apresenta dificuldades em seguir regras e se relacionar com os colegas. Seus professores e monitores muitas vezes não sabem como lidar com suas crises.

Pelas minhas observações e diálogos com os colegas, a escola também não está preparada para lidar com a agressividade no espectro do autismo. Não há treinamento

adequado para os monitores e professores, estes se veem despreparados para lidar com as crises de Y e outros estudantes com espectro do autismo.

A luta pela medicalização de Y é constante na vida da família. Eles buscam ajuda médica para tentar controlar as crises e melhorar a qualidade de vida do menino. Mas essa não é uma decisão fácil, pois os efeitos colaterais da medicação também são preocupantes, além de não resolver o problema da socialização.

A diferença de tratamento da escola com Y e as crianças com espectro do autismo do Ensino Fundamental é gritante. Enquanto as crianças mais novas têm um atendimento mais individualizado, e são chamados para reuniões com a família e equipe multiprofissional Y é deixado de lado. Trata-se de uma batalha diária para a criança e sua família, que buscam ajuda e suporte em uma sociedade que ainda não entende completamente as necessidades das pessoas com espectro do autismo.

Ao iniciarmos o atendimento na Educação Especial, fomos recebidos com uma mistura de irritação e agressividade, evidenciando sua insegurança diante de uma nova experiência. Era difícil para ele seguir as regras e se relacionar com os outros, o que gerava ansiedade e agitação quando era contestado. Nosso objetivo era claro: ajudá-lo a melhorar suas relações pessoais e interpessoais, além de auxiliar no controle emocional.

Para alcançar esses objetivos, utilizamos jogos de encaixe e desencaixe com cores, balões, animais, jogos de pontaria e boliche. E, aos poucos, percebemos que o estudante estava melhorando sua relação conosco, aprendendo a respeitar as regras de convivência e se engajando nas atividades propostas.

Contudo, foi durante uma atividade em específico que o estudante se mostrou mais engajado, concentrado e calmo. Nessa atividade, que chamamos de "resgate aos animais", pegamos os bichos de plástico preferidos de Y e os amarramos com borrachinhas, criando um desafio dramático: o estudante teria a missão de salvar os animais, que estavam em perigo. A cada animal libertado, o jovem formava uma fila com todos os salvos, comemorava, abraçava a equipe e pedia que a brincadeira fosse repetida.

Essa experiência nos fez refletir sobre a forma como rotulamos o estudante no início das práticas, devido à sua agressividade. Nosso processo de observação e classificação foi substituído pela compreensão, pela capacidade de escuta e pelo conhecimento da história e biografia da criança. Essa transformação deu lugar à possibilidade de reconhecer a diferença e compreender sua singularidade.

Conforme mencionado por Grandin (2015) a compreensão é a base da possibilidade de reconhecer a diferença. A capacidade de escuta e de conhecer a criança

em sua totalidade, com sua história, suas particularidades e singularidades, é o que nos permite enxergar além dos rótulos e compreender as complexidades do ser humano. Assim, somos capazes de promover transformações significativas nas vidas daqueles que atendemos, criando relações verdadeiramente enriquecedoras e fortalecendo laços de empatia e respeito.

De repente, é hora da saída, o sinal toca, as crianças correm para seus pais. Me vejo dentro do ônibus, o céu escuro e uma nova realidade a ser enfrentada: O Ensino Público!

3.4 DEIXA EU BRINCAR COM VOCÊS?

Fiquei muito feliz em descrever que o estudante P, mesmo que uma única vez, foi perceptível que é muito querido pelos colegas e professores, ele sempre participa das aulas e é muito sociável no colégio. Uma atitude que me chamou atenção foi quando a professora pediu para que os estudantes organizassem as cadeiras em forma de círculo e o estudante prontamente colocou sua cadeira no centro, demonstrando seu interesse em estar junto aos colegas.

Apesar dos pais terem pedido um monitor, não foi necessário porque o estudante tem o apoio dos funcionários e dos colegas quando precisa se deslocar para outra sala. Embora ele possa se distrair durante as explicações dos professores, ele sempre recebe atividades adaptadas e consegue realizar as tarefas com ajuda da professora.

Durante o recreio, foi lindo ver a forma como os outros estudantes interagem com ele, cumprimentando-o com carinho e sorrindo, e o estudante retribuía com o mesmo afeto, mostrando o quanto ele é carinhoso e querido por todos. É notável o vínculo que o estudante criou com o colégio e a comunidade escolar, e como esse ambiente de acolhimento e afeto influencia positivamente em sua socialização.

04 QUARTA RODADA: POSSO BRINCAR DE TE ENTREVISTAR?

Com base nas discussões anteriores, este capítulo tem como objetivo investigar a relevância da socialização de crianças espectro autistas no ambiente escolar. Com base em minha experiência e estudos sobre o assunto, é possível descrever que os espectro autistas possuem peculiaridades em seu desenvolvimento e aprendizagem. Por isso, como futuro professor e cientista social, considero importante buscar informações sobre a comunicação que pode ajudar na socialização dessas crianças e contribuir com outros professores para a prática em relação ao estudante. Nesse sentido, meu interesse é pesquisar esse tópico e entender como a mediação ocorre para esses estudantes e por que eles aprendem de maneira singular.

Vygotsky e Luria (1994) permitem essas discussões, segundo seus estudos, a interação social é a base da aprendizagem e do desenvolvimento. A partir desses processos, nos definimos como seres humanos e formamos pensamentos, linguagem e desenvolvemos funções mentais superiores. A fala é uma dessas abordagens para a socialização e desempenha um papel importante no desenvolvimento, pois com ela a criança organiza atividades práticas, não apenas com os olhos e as mãos. Portanto, a socialização das crianças é fundamental para sua aprendizagem.

Mendes (2011) defende que os estudantes com necessidades especiais em classes regulares mostram desenvolvimento positivo quando o ambiente escolar é mais cooperativo e beneficia todos os estudantes. Além disso, Mantoan (2003) apresenta outros benefícios, pois a interação social refere-se à capacidade de compreender o outro e assim acolher a oportunidade de participar das interações com outras crianças sem rejeição. Portanto, a inclusão de crianças espectro autistas nas escolas é importante, pois visa garantir a todos os estudantes o mesmo direito e oportunidade de aprendizagem.

No entanto, a teoria nem sempre é aplicada na prática. Será que os professores tanto da rede particular como da rede pública estão preocupados com essa inclusão? Estariam interessados em aprender novas metodologias? É necessário apresentar metodologias que possam responder a essas investigações. Neste viés, parti da metodologia das entrevistas, para saber o que pensam estes profissionais da Educação acerca do tema do Espectro do autismo e seu modo de inclusão e socialização.

A técnica de entrevista aberta é um método comumente utilizado em pesquisas com o objetivo de aprimorar a precisão dos conceitos e esclarecer questões relacionadas.

Ela consiste em apresentar tópicos ao entrevistado e permitir que ele discuta livremente sobre o assunto proposto, a fim de explorar mais profundamente o problema em questão.

Durante a entrevista, a interrupção por parte do entrevistador deve ser mínima para permitir que o entrevistado expresse suas ideias de forma espontânea. Esta técnica é especialmente útil quando o pesquisador deseja obter o máximo de informações possíveis sobre um determinado tópico, como em casos individuais, ou para entender as características culturais de um grupo específico. É importante destacar que, nessa abordagem, não há categorias predefinidas, permitindo assim, que o entrevistado responda de forma livre e natural. Portanto, a entrevista aberta é um instrumento valioso para coletar informações mais detalhadas sobre um assunto específico (MINAYO, 1993).

A partir dessa investigação e entrevista aberta com os profissionais das escolas, insiro a baixo as perguntas que foram realizadas e em seguida, no subcapítulo apresento as respostas assim como as inquietações, provocações e discussões:

4.1 “BICHINHO” DEIXA-ME TE MOSTRAR O QUE APRENDI HOJE?

Após realizar entrevistas com profissionais da área de educação, algumas questões surgiram em minha mente. Por que há uma diferença na forma como as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental são tratadas? Por exemplo, quando a estudante I estava na pré-escola, não havia reuniões com os pais, mas agora, no Ensino Fundamental, há reuniões envolvendo professores, coordenadores, educadores especiais e fonoaudiólogos. Será que isso ocorre devido à cobrança excessiva dos pais pela busca do aprendizado e alfabetização? Além disso, notei que, na Educação Infantil, apenas se fala no diagnóstico das crianças, mas não se menciona o contexto familiar e sociocultural em que elas estão inseridas, o que ocorre somente no Ensino Fundamental.

Outro ponto que chamou minha atenção é se as escolas particulares estão preparadas para lidar com crianças espectro autistas tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, tendo em vista que elas merecem a mesma atenção e cuidado. Qual é o motivo para o descaso com crianças espectro autistas menores de seis anos? É importante destacar a importância do estímulo e preocupação com a socialização dessas crianças desde a primeira infância, envolvendo não apenas os professores, mas também os pais e colegas.

Com base nas discussões e observações realizadas, é fundamental ressaltar a importância da formação de professores, tanto na escola pública como na rede privada,

para que possam lidar de maneira adequada com as deficiências e contribuir para a inclusão social dos estudantes. Também é importante analisar a diferença na socialização de crianças espectro autistas em escolas particulares e em escolas públicas, bem como discutir formas de promover uma inclusão mais efetiva dessas crianças.

A partir das reverberações apresento as respostas dos profissionais entrevistados:

Segundo uma das entrevistas, Y tem cinco anos, e quando o conheceu o estudante se mostrava muito arreado e rebelde, extremamente agressivo. No momento atual, ainda está um pouco desafiador, porém, se mostra mais focado e com resultados positivos em sua aprendizagem. Percebe o processo de socialização da criança com os pais, um pouco difícil, pois, segundo seu entendimento, os pais se mostram ausentes e despreocupados com a aprendizagem e melhoras do filho, ou seja, parece que escondem Y da sociedade a fim de protegê-lo. Com os colegas, Y fez com que seus amigos se afastassem dele devido seu comportamento. Porém com auxílio da professora regente e o monitor, que socializam de modo positivo com o estudante, observou melhora em suas relações sociais com os amigos.

Inicialmente teve dificuldades em lidar com Y visto que este me agredia constantemente (com murros e chutes) e xingamentos. Seu contexto familiar como dito anteriormente influenciou em seu processo de socialização, visto que o estudante era muitas vezes esquecido pela família no ambiente escolar.

Na instituição que trabalho não há uma formação continuada, nem mesmo rodas de conversa; neste sentido, o professor defendeu que auxiliaria muito ao lidar com o estudante. Relatou também que como Educadora Especial vê que os professores, monitores não possuem preparo físico, emocional e psicológico para lidar com os estudantes em processo de inclusão.

Sobre as potencialidades de Y, este se mostra muito criativo, inteligente, raciocínio rápido e é perspicaz! No ano passado (2022) a criança teve pouco espaço para vivenciar as qualidades; porém, este ano (2023) essas estão sendo valorizadas, o que auxilia o estudante em sua autoestima e confiança.

A palavra que define o estudante seria “Desafio”, no sentido positivo da palavra, visto que o estudante adora ser desafiado e reage com coragem ao que lhe é proposto. Na hora do recreio Y está socializando mais com os colegas e os professores, antes brincava sozinho ou agredia os amigos. Em aula o estudante ainda apresenta características do TEA, como dispersão e hiperatividade. Porém, nota que a professora regente adapta os materiais para que ele possa participar de modo inclusivo.

A escola promove espaço e atividades para inclusão e socialização de Y, porém ainda é algo recente e poderia ser melhor explorado. Se a entrevistada pudesse dizer algo ao estudante agora que o encorajasse a enfrentar a sociedade e a educação diria:

“Y vejo em você muita coragem, você é um menino com coração bom, é inteligente! Não deixe as pessoas te rotularem! Ou fazerem você pensar que não consegue ou que não é bom o bastante! Eu acredito em você, não desista!”

Outro entrevistado relata suas vivências com outra criança espectro autista. Informa que quando conheceu a criança D, ela era um pouco agitada e tinha dificuldade em se concentrar por muito tempo. No entanto, atualmente, ela está muito mais calma e consegue realizar atividades com mais facilidade, focando nas tarefas propostas.

Disse que enxerga a socialização da criança com os pais, colegas e professores de forma tranquila, pois ela se comunica e se socializa muito bem com todos. Mas já teve dificuldade em lidar com ela em atividades que exigiam concentração e momentos em que ela não encontrava algum objeto ou saía da sua rotina.

Relatou-me que somente o que os pais relataram sobre o contexto familiar da criança, mas acredita que o contexto familiar é de grande importância para o processo de socialização, pois os pais têm um papel fundamental em preparar a criança para viver em sociedade.

A instituição não oferece muita formação para lidar com o Espectro do autismo e outras especificidades, por isso acredita que deveria ter mais formação, para troca de ideias e rodas de conversa. E, infelizmente, acredita que a escola, professores e monitores não têm preparo físico, emocional e psicológico suficiente para lidar com crianças com essas especificidades.

A criança é muito inteligente e está sempre em constante aprendizado, mas muitas vezes ela prefere brincar sozinha na hora do recreio. Em sala de aula, ela realiza as atividades muito rápido, mas fica dispersa, contando histórias e seus jogos de youtuber para os colegas.

A professora não precisa adaptar materiais para a criança, pois ela não apresenta nenhuma dificuldade. E a escola promove espaço e atividades para a inclusão e socialização dessa criança.

Se o entrevistado pudesse dizer algo para essa criança agora, de modo a encorajá-la a enfrentar essa sociedade educacional, diria para nunca desistir de seus sonhos e sempre caminhar no caminho correto.

A terceira informante relata que conheceu a aluna I, com seis anos de idade, tinha uma relação mais próxima com seu monitor e antiga professora, mas após algum tempo, ela conseguiu estabelecer uma boa relação com sua nova professora, coordenadora e educadora especial. Embora ela interaja com a turma, às vezes fica agitada e precisa de outras alternativas, como a pracinha e a biblioteca.

Seus pais são presentes, mas tendem a resolver as coisas com ela muitas vezes de forma inadequada, o que pode dificultar as coisas. A comunicação com a professora regente melhorou, mas com os professores que vão apenas um dia por semana ainda é difícil. Na primeira vez que os pais foram chamados na escola, a aluna I se agitou e ficou agressiva. Ela adora desenhar e cantar, o que pode ser usado como meio de mediação para atividades. Durante o recreio, ela geralmente fica no balanço, tendo dificuldade em trocar de brinquedo.

Ela tem muita dificuldade em se manter em sala de aula, mas a professora ainda está observando qual é a melhor maneira de trabalhar com ela para inseri-la na turma. Os monitores são orientados a descrever o que deixa a criança mais confortável para facilitar sua socialização.

A mensagem que a entrevistada daria a ela seria: "Seja você mesma, I. Você é doce, carinhosa, esperta e encanta todos que se aproximam de você. Com as ferramentas certas, você pode conquistar o mundo!" A equipe pedagógica precisa aprender mais sobre espectro do autismo, já que cada criança tem suas particularidades.

Outro informante relata que atendeu recentemente um estudante de 16 anos, chamado P, que começou a estudar este ano no colégio onde atua a profissional da educação. Ele veio de outras escolas com histórico de comportamento agressivo, mas surpreendentemente, se adaptou rapidamente ao ambiente escolar e conquistou a confiança dos colegas, professores e funcionários. Sua mãe é bastante preocupada com o bem-estar do estudante, mas ele respeita e tem muito carinho pelos pais, entendendo a autoridade deles.

A entrevistada nunca teve dificuldades em lidar com esse estudante, sempre o tratou com muito carinho e respeito. Acredita que a influência da família é um fator chave tanto na socialização quanto no aprendizado. No caso desse estudante, seus pais são bem presentes. Além disso, essa escola realiza formações pedagógicas mensais que abordam a inclusão de estudantes, o que prepara os profissionais da educação para lidar com estudantes especiais.

Esse estudante tem um potencial muito grande e com o auxílio certo, ele tem todas as condições para aprender. Durante o recreio, ele socializa tranquilamente com os outros estudantes da escola que o têm grande carinho. Na sala de aula, ele pode ser um pouco disperso em momentos ociosos, mas as aulas são adaptadas em todas as matérias para que ele possa realizar todas as atividades propostas.

Perguntado sobre o histórico inclusivo da escola, ele confirmou que isso contribuiu para sua adaptação e integração. O incentivo e encorajamento que damos a ele é fundamental para que ele se sinta seguro e confiante em seu potencial.

A frase que a professora diria a ele é “você é um estudante amado e querido por todos aqui na escola.”

05 QUINTA RODADA: OLHA EU TE TROUXE UM PRESENTE!

A partir das discussões e entrevistas com os profissionais de Educação, tanto da rede pública como privada, apresento aqui um conjunto de materiais, incluindo dicas, metodologias e atividades que desenvolvi durante minha graduação como cientista social e monitor de espectro do autismo. Este Portfólio foi elaborado para as escolas e famílias a fim de ajudar no processo de socialização de crianças com espectro do autismo.

Esse conjunto de recursos auxilia na orientação e apoio aos envolvidos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, fornecendo um guia prático para trabalhar habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Além disso, podem ser utilizados para melhorar a qualidade do atendimento e suporte oferecidos aos estudantes com espectro do autismo, ajudando a promover a inclusão e a alcançar objetivos educacionais e terapêuticos.






Comunicação

♥

Para melhorar a comunicação da criança com as pessoas ao redor é preciso: Criar ambientes organizados e estruturados que tranquilizem a criança e a façam se sentir segura; uma conversa tranquila podem ajudar a conter a explosão emocional; evite falar muito e em tom alto; usar palavras de comando para ajudar a criança a se concentrar e mudar o foco da situação, distrair a criança com algo que ela goste para desviar a atenção do comportamento negativo.




PROFESSOR! NÃO GRITE OU PERCA A PACIÊNCIA COM A CRIANÇA, ABAIXE-SE A SUA ALTURA, OLHE NOS OLHOS E A ACOLHA!



Jogo da Ordem

Aqui tem uma dica daquelas pra ajudar as crianças a entenderem a rotina. Vamos entrar na brincadeira juntos! Que tal jogar um “brinca-ordem” e fazer a criançada obedecer sem nem perceber? Por exemplo, a rodada 1 é na sala, rodada 2 é no lanche e rodada 3 é na pracinha! Ai, enquanto brincam e se divertem, elas vão aprendendo e entendendo melhor a rotina!



Brinque junto! Fique junto!

Querido adulto, não tire o brinquedo da criança achando que ela está brincando errado! Deixe-a curtir e socializar com prazer. Entre no contexto ficcional e imaginário dela. Ah, e não esquece de manter o contato visual! Assim, você ajuda a criança a adquirir confiança em você!



*Trabalhando a
confiança!*

**E a Autoestima
da criança
com Autismo!**

Deixe inicialmente a criança liderar um pouquinho e comece com atividades como correr, esconder, jogar algo para cima! Essas brincadeiras são perfeitas para trabalhar a sensibilidade social da criança e ajudar a construir uma socialização com os colegas.

06 ÚLTIMA RODADA! É HORA DE IR PARA A CASA!

Com o coração cheio de saudades, começo a minha despedida tanto do curso de Graduação em Ciências Sociais, como da escola e de meus estudantes, principalmente da aluna I. Primeiramente gostaria de descrever a nostalgia que perpassa em mim, relembrando nosso primeiro ano juntos!

Acredito que minha experiência como monitor de uma criança espectro autista por 4 anos foi extremamente enriquecedora e desafiadora ao mesmo tempo. É incrível como em um ano já conseguimos estabelecer uma conexão forte e significativa. Durante esse período, tive a oportunidade de aprender muito sobre o Espectro do autismo, suas particularidades e a forma como a criança enxerga e interage com o mundo.

Ao criar um vínculo afetivo e de confiança com I, eu me senti responsável por proporcionar um ambiente seguro e estimulante para ela. Como seu Bichinho (nome afetivo que ela me chamava) foi muito gratificante ver o seu progresso e evolução ao longo dos anos, mesmo que em pequenas conquistas. No entanto, a ideia de ter que entregar a criança para outro monitor tem sido um desafio emocional. Como garantir que a socialização e a rotina da criança não sejam afetadas negativamente?

Nesse sentido, entendo e defendo a importância do trabalho em equipe e da comunicação constante entre os monitores e profissionais envolvidos na educação da criança espectro autista. É essencial garantir que as informações e estratégias sejam compartilhadas para que haja continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Ao finalizar esta pesquisa, foi possível cumprir meus objetivos como: descrever que a inclusão de crianças espectro autistas na Educação Básica é um processo que exige motivação e ações dos profissionais da Educação. Foi possível descrever as estratégias utilizadas pelos professores e educadores especiais para a socialização dos estudantes em processos de inclusão, construindo um inventário de metodologias dessa socialização a partir das observações e do estudo sobre a Sociologia da Educação e do Devir-criança-espectro autista.

A dimensão das modificações e das co-construções ao longo do tempo também foi discutida, abrangendo as estratégias, regras, ações, atitudes (práticas e teóricas) das escolas sobre a convivência dessas crianças. Conclui-se que a escola é um espaço

fundamental de desenvolvimento para a criança, que pode experimentar o mundo de maneiras distintas e estabelecer relações que permitem um aprendizado dentro e fora do espaço formal da sala de aula. É importante ressaltar a importância da Sociologia da Educação e do conceito de Devir-criança-espectro autista no processo de inclusão, que são capazes de ressignificar e resgatar a autoconfiança, a identidade e a autoestima das crianças com espectro do autismo, além de impactar na formação dos sujeitos, das crianças que são vistas pela escola como "normais", mediante a todas as ressignificações sociais. A pesquisa permitiu uma reflexão sobre o papel da escola na inclusão e como ações e atitudes dos profissionais da Educação são determinantes nesse processo.

Como já foi mencionado por diversos autores, a socialização é um aspecto fundamental para o desenvolvimento das crianças espectro autistas, porém, isso pode ser afetado pela mudança de monitores. É preciso estar atento a essa transição e buscar formas de minimizar os impactos na vida da criança.

Em resumo, ser monitor de uma criança espectro autista é uma experiência que demanda muita dedicação, sensibilidade e empatia. É gratificante ver a evolução da criança e contribuir para o seu desenvolvimento, mas também é um desafio lidar com as particularidades do espectro do autismo e com a responsabilidade de garantir um ambiente seguro e estimulante.

E então quando noto, o dia já se encerrou, desço com ela na pracinha, o pai já está esperando inquieto, minha garganta faz um nó, mas penso: “será para o bem dela, já está grande e vai se divertir e surpreender muitas pessoas ainda”. Então ela sai correndo e abraça o pai, viro as costas, mas quando percebo, sinto uma puxada na minha camiseta, volto o olhar e escuto ela dizendo: “Até amanhã Bichinho! Vou sentir saudade!”. E então ela desaparece, sinto algo úmido descer nos meus olhos, é... eu me deixei afetar! “Até amanhã Bichinho!”

REFERENCIAS

- APA - **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 1 nd ed. Washington, D. C.: APA, 1952.
- APA - **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 2 nd ed. Washington, D. C.: APA, 1968.
- APA- **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 3 nd ed. rev. Washington, D. C.: APA, 1987.
- ARENDT, H. O que é política. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, v. 1997, 1993.
- ARENDT, H. The conquest of space and the stature of man. **The New Atlantis**, n. 18, p. 43-55, 2007.
- ARENDT, H. A crise na cultura: sua importância social e política. **Entre o passado e o futuro**, v. 7, 2005.
- BARROS, M. **A infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Inclusão Revista da Educação Especial, Brasília, v. 4, n. 1, p. 9-17, jan./ jun. 2008.
- CECCIM, R.; PALOMBINI, A. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 301-312, 2009.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G. e F. GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. São Paul: Melhoramentos, 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Editora Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GAIATO, M. **SOS Espectro do autismo: Guia completo para entender o Transtorno do Espectro autista**. nVersos, 2018.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GRANDIN, T. **O cérebro espectro autista: pensando através do espectro**. Editora Record, 2015.

KASTRUP, V. O devir-criança e a cognição contemporânea. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 13, p. 373-382, 2000.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**. Rio de Janeiro, n. 1, p. 15-22, 2007.

MAGNANI, J. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**. São Paulo, n. 1, p. 08-11, 1997.

MANTOAN, M. Inclusão escolar: o que é. **Por quê**, v. 12, 2003.

MANTOAN, M. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. **Educação**, v. 29, n. 1, p. 55-64, 2006.

MARTÍNEZ, L. La Observación y el diario de campo en la definición de un tema de investigación. **Revista Perfiles Libertadores**, Institución Universitaria Los Libertadores, Bogotá, n. 04, p. 73-80, 2007.

MENDES, M. **Atendimento de estudantes com espectro do autismo no centro especializado**: desafios e possibilidades à luz da teoria sócio-histórica. 2011. 51f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – UNB, 2011.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOLLO-BOUVIER, S. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 391-403, 2005.

OLIVEIRA, M. Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação. **Educação**, n. 1, p. 3-11, 2019.

SUPLINO, M. **Currículo funcional natural**: guia prático para a educação na área do espectro do autismo e deficiência mental Rio de Janeiro: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Rio de Janeiro: CASB-RJ, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society**: The Development of Higher Psychological Processes. (Cole, Michael; John-Steiner, Vera; Scribner, Sylvia; Souberman, Ellen, eds.) Cambridge: Harvard University Press. 1978. 213 p.

VYGOTSKY, L. S. & LURIA, A. **Tool and symbol in child development**. (Prout, Theresa, trans.) In: Van der Veer, René; Valsiner, Jaan (eds.), *The Vygotsky Reader*. Oxford: Blackwell 1994. 99–174 p.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020.

ANEXO 01 – PERGUNTAS DA ENTREVISTA

- 1 - Qual a idade da criança?**
- 2- Como ela era quando você a conheceu e neste momento atual? Houve mudanças?**
- 3- Como você enxerga o processo de socialização da criança com os pais, colegas e professores?**
- 4- Você já teve dificuldades em lidar com este estudante? Quais?**
- 5- Você conhece o contexto familiar da criança? Na sua opinião, até que ponto isso influencia ou não no processo de socialização?**
- 6- Na sua instituição existe uma formação continuada, ou até mesmo rodas de conversa para debater sobre o Espectro do autismo e outras especificidades? Na sua opinião, poderia melhorar?**
- 7- Você acha que sua instituição, a escola, professores e monitores tem preparo físico, emocional e psicológico para lidar com essas crianças?**
- 8- Quais são as potencialidades dessa criança? A criança tem espaço para vivenciar, ou apenas são vistas as dificuldades?**
- 9- Como você definiria a criança em uma palavra?**
- 10- Qual sua visão da criança na hora do recreio? Ela socializa? Ou brinca sozinha?**
- 11- Como você enxerga o comportamento da criança na sala de aula? É concentrada? Dispersa? Comunicativa? Hiperativa? Comente sobre isso:**
- 12- A professora adapta os materiais para que ela possa participar de modo inclusivo na sala de aula, ou faz uma atividade separada da turma?**
- 13- A escola promove espaço e atividades para a inclusão e socialização dessa criança?**
- 14- Se você pudesse dizer algo para essa criança agora, de modo a encorajá-la a enfrentar essa sociedade educacional, o que você diria?**